

OS HOMENS FORTES

Honra aos valorosos, aos de alma forte, aos que servem a verdade, a justiça, a beleza. Não os conhecemos porque são altivos e não se nos mostram; não vemos com que alegria resplandece o seu coração; lançando sobre a vida um raio de luz, cegam-nos. Que os cegos, o numero infinito dos que não veem, vejam; que cada um veja com horror e espanto quão rude, injusta e monstruosa é a vida. Sim, honra ao que se possui; ele encarna todo o mundo em seu coração, todo o sofrimento humano em sua alma. A iniquidade da vida, a mentira e a crueldade são os seus inimigos. Todas as suas horas emprega-as numa luta generosa, e seus dias são repletos de impetuosa alegria, de nobre ira, de decisões heroicas. Não se poupar, eis aí a mais alta, a mais bela sabedoria. Sim, honra ao que não sabe poupar-se. Só existem duas maneiras de viver: a putrefação e a combustão. Os vis, os egoístas, preférem a primeira; os fortes, os generosos, a segunda. Bem se vê quaes podem ser os que amam a beleza e a grandeza. As horas de vida são futeis e tristes. Enchamo-las de átos nobres, sem poupar-nos, e viveremos horas magníficas, profundamente sensacionaes, ardentemente altivas... Uma vez mais: Honra ao que não sabe poupar-se!

É necessario ter nascido na sociedade civilisada para sofrer pacientemente a sua vida, sem sair do circulo onde nos oprimem e algemam pesadas restrições, sancionadas por costumes mentirosos e envenenadas entre um amor proprio trivial e doentio, e pequenas vaidades que debilitam e esgotam, entre tudo isso a que erradamente chamam a civilisação. Eu nasci, eu eduquei-me longe da sociedade, e por isso não sou capaz de absorver a grandes doses a cultura, sem sentir a necessidade imperiosa de libertar-me, fugindo-lhe de vez em quando. É muito agradável descer aos antros das cidades onde tudo é corrompido e sujo, não o nego, mas onde tudo também é sincero e simples. E melhor ainda lançar-se a gente nos caminhos onde se descobrem coisas dignas de atenção. Isto refresca a alma; e para o realizar, bastam umas botas de solas grossas...

Maximo Gorki

MAXIMO GORKI

Um homem nos aparece de roldão com a turba-multa dos vagabundos e dos miseraveis em um dos calabouços da Russia, acossado pelo *knout* dos serventuarios do Czar. É a quem chamam Maximo Gorki. Ele mesmo não sabe ao certo quando nasceu. Filho de gente pobre ficou orfão muito novo, arremessado para a vagabundagem, percorrendo caminhos, passando curtos tempos em aprendizagens varias para se escapar e fugir para a vida livre, para o pó das estradas onde se ia instruindo lendo novélas. Foi cordoeiro, gravador, pintor de santos, cosinheiro, guarda dos caminhos de ferro, bufarinheiro, moço de fretes, etc.

Foi o escritor Korolenko quem o iniciou no mundo literario, alcançando o seu primeiro ézito em 1893 com a sua obra *Tchelkach*, o poema da vagabundagem.

Depois disso tem escrito inumeras obras, algumas já editadas em Portugal, na sua maioria curtas, donde se destacam sempre personagens encarnando casos tipicos de patologia social.

Não ha muito ainda que o governo russo o quiz condenar á morte, pelo que se levantaram protestos universaes. Apezar das perseguições movidas, ele continua sendo o cantor entusiasta da vida livre, errante e vagabunda.

REVISTANDO

«LA CHAROGNE» passou...

Tinha apenas 33 anos incompletos. Figura inteiramente invulgar, bizarra, original. Curvado, caminhava com dificuldade, sempre apoiado a uma muleta e a uma bengala. Os seus hombros pouco largos, sustentavam, sempre erguida, a sua pequena mas estranha cabeça que, embora sobre a fronte já pronunciadamente calva, tinha no entanto uma longa cabeleira castanho claro, que lhe caia toda anelada sobre as espaduas. Os seus olhos garços, profundos, tinham ora a aguda penetração do olhar das aguias, ora o chispar terrível do dos leões, ora a doçura melancolica do dos entes generosos — consoante os seus subitos e multiplos estados de alma. O nariz pequeno e aguçado destacava-se pouco sobre os seus longos bigodes que como as suas espessas e compridas barbas eram côr de castanho muito escuro. O seu traje era invariavel: uma comprida blusa preta que se abotoava desde o pescoço até quasi aos artelhos, ocultava-lhe as suas pernas disformes; nos pés sem meias, umas sandalias; a cabeça sempre ao ar livre. Era isto, pouco mais ou menos, fisicamente, aquele que, ainda no dia 9 do p. p. pertencia ao numero dos vivos, e que tanto deu e dará que falar... Acho que em pequeno lhe tinham posto o nome de Albert; mas ele que não se conformava com a minima imposição, fez dêsse nome o anagrâma de Libertad. Nome que para muita gente, só ouvi-lo pronunciar, era como que qualquer coisa de diabolicamente terrível.

Oh, mas não era o seu fisico, nem ainda assim o seu nome... o que aterrorizava, o que indignava; o que levantava protestos, indignações, rancores; o que enervava quasi toda a gente, era o seu moral, os seus propositos, as suas atitudes, a sua fraseologia...

A sua pena qual afiado e penetrante escalpelo, retalhava, estracejava, esfrangalhava tudo quanto as serenias, graves e impadas gentes estabeleciam como bom, refletido e prudente. A sua palavra quente, escarninha ou dolorida incomodava, sacudia, arrancava protestos.

— *Quel tipe! Quel sale tête! Quel charogne!*...

Mas Albert Libertad, o homem de quem acabo tosca-mente de traçar uma especie de retrato, já morreu, como acima digo. E de que morreu, como? O que era ele? que fez ele? Qual a sua obra no presente e para o futuro?

É o que vou tentar, a traços largos, descrever, abstraindo-me de emitir a minha apreciação individual, para deixar o campo inteiramente livre aos factos.

Inimigo à outrance de qualquer forma de organização — a que ele chamava «arrigimentar, arrebanhar *abrutis*» — Libertad lançou a idéa das *Causeries Populaires*, e que poz em pratica. Isto foi em 1902. A idéa foi bem acolhida, e a prova é que, tanto em Paris e arredores como na provincia existem atualmente bastantes *Causeries Populaires*, que promovem «como o seu nome o indica» palestras e conferencias populares, muito regularmente, todas as semanas.

A maneira como essas *causeries* funcionam, os assuntos que lá se debatem, os oradores, o publico que as frequenta, etc., são dignos de menção particular e para serem tratados em artigo especial.

Mas deixêmos essa tarefa para uma outra ocasião, — se calhar.

Até 1905, Libertad colaborou assiduamente no jornal de Matha, *Le Libertaire*.

Mas isso não satisfazia ao irrequieto e infatigavel Libertad. Não porque alguém do *Libertaire* lhe pozesse en-

traves ou lhe determinasse limites, mas sim porque êle necessitava dum campo mais amplo onde pôdesse dar cabal expansão á sua energia, á sua logica e ás suas desapiedadas e causticantes irreverencias. Assim, Libertad, olhando em volta de si e vendo que, longe de se encontrar só na liça, mau grado o formidável numero dos seus inimigos, poderia contar com um consideravel grupo de amigos e adeptos, lança á luz da publicidade, de parceria com Ana Mahé, no dia 13 de abril de 1905, o semanario *L'Anarchie*, o qual, hoje como no primeiro dia, mantém inquebrantavelmente a linha de conduta logica e coerente como o seu programa (permita-se-me a expressão).

Era bôa a sua conduta? Má? Não quero agora apreciar-la.

O que os factos constatarem, é que o artigo de apresentação de *L'Anarchie* dizia:

... A luta que nós encetámos é uma luta contra os individuos, não é contra o governo ou os eleitos que nos voltámos, é pueril, é contra os eleitores, assim procederemos em toda a ordem de idéas».

«Sim, é contra os carneiros, os carneiros de *panurge*, que nós nos tornaremos, contra o homem que vota, que se syndica, que se matrimonia; em quem todos os passos, todos os gestos são traçados, não pela sua experiencia, nem mesmo pela dos seus amigos ou individuos tendo interesses semelhantes, mas pela autoridade religiosa, patronal, sindical, governamental, isto é pela synthese da sua ignorancia particular».

«Não somos anarquistas: quer dizer contra toda a autoridade subjétiva, venha ela lá de onde vier, e nós não suportaremos a autoridade objétiva se não a que os nossos corpos defendam».

«Hoje e não amanhã, neste instante mesmo, forma-se um mundo anarquista, composto de individuos que não obedecem mais do que á força objétiva».

«Os reformistas, os socialistas, os revolucionarios antes de mais nada, os oportunistas, os idealistas, os que querem demolir os muros á cabeçada não teem aqui logar».

«Esta folha deseja ser o ponto de contáto entre os que, atravez do mundo, vivem em anarquia, sob a só autoridade da experiencia e do livre ezâme».

Dizia assim, como eu ia contando, e isso foi e é mantido. E *L'Anarchie*, «longe dos embaraços dos primeiros numeros», já entrou no seu 4.^o ano de existencia, tirando regularmente 3 mil exemplares cada numero.

Como *L'Anarchie* vive, como ela é composta, impressa, escrita; quem nela colabora, qual a sua especialidade de assuntos, etc., etc., é egualmente digno dum outro artigo especial (e depois, agora, nem já mesmo tinha espaço).

Mas a ação dêsse homem extraordinario não pára aqui. Dispondo duma logica cerrada e de magnificos pulmões, êle foi um orador terrível. Não faltava a coisa nenhuma: reunião em que êle julgasse dever falar — êle falava!

A sua tática: esgotada a lista dos oradores, Libertad mandava para a meza um bilheteinho solicitando a palavra. Consultava-se a assistencia; a maior parte das vezes esta dizia: *oui! oui!* Se lhe negavam a palavra ou se a maioria lhe era hostil, os seus adeptos levavam-no em charola para a tribuna, e Libertad falava; senão tudo terminava em tremenda pancadaria...

— *Quel tipe! Quel sale tête! Quel charogne!*...

*

Tinha apênas 33 ânos incompletos...

Mas do que morreu êle, como?

... Não tinha nenhuma tara hereditaria; o seu organismo não acusava o minimo indicio de corrupção viciosa.

A frouxidão e disformidade das suas pernas, provinha de qualquer imprudencia de sua mãe, quando grávida dêle. Porém, assim como êle poderia ter vivido ainda muitos ânos, podia tambem morrer subitamente. O seu organismo estava quasi completamente gasto, e era apênas o seu potente sistema nervôso que o equilibrava; a sua vida residia apenas no cérebro. Um furunculo agravado que o levou ao leito poz-lhe os nervos em formidavel e constante irritação e o cérebro em incomensuraveis lucubrações, foi o suficiente para lhe apagar a melindrosa existencia, em menos de 15 dias.

Foi assim que a nota oficial da Escola de Medicina, deu conta do resultado da autopsia que fizera ao cadaver de Albert Libertad.

Se o temperamento de Libertad o não tivesse desesperado por se ver doente, — a querer inquirir da origem da enfermidade, a discutir com os medicos o para quê e porquê de tal ou qual remedio — a preocupar-se com a propaganda das suas idéas, com a aparição do jornal, como se fariam as conferencias, poderia ser que semelhante doença o não matasse. Foi ele que se devorou — concluíram os medicos.

Como Ernesto da Silva, como Heliodoro Salgado, Libertad minára com o cerebro a propria existencia, á força de, por si mesmo, querer ter sido um homem.

*

— Escandalo! E' um caso unico! Murmurou a turba-multa que acorreu á rua de la Barre, quando 3 dias depois toda a imprensa de Paris espalhou a noticia do passamento do *compagnon Libertad*, e viu que tudo ali seguia, como habitualmente, uma natural atividade.

— Pois quê! Nem ao menos um enterro?! Não haverá um cortejo? Nem discursos, nem corôas? Nem uma tumba onde se possam fazer piedosas romarias?! — insistiam alguns.

— Como Libertad, se vos podesse ouvir, vos correria á gargalhada!... — respondia alguém. E depois: Já vos esqueceste de que Libertad disse dos funeraes de Louise Michel o que Mafôma não disse do toucinho... Libertad julgou ter sido util na vida, e ainda o quiz ser na morte: o seu corpo foi oferecido á Escola Medica, para estudo.

Os amigos, uns concordaram, outros conformaram-se. Os inimigos deram largas ás suas paixões...

Toda a imprensa de Paris, e muita da provincia, falou largamente da morte de Libertad: uns disseram bem; a maioria mal. Apenas um, um unico, um adversario, não disse nem uma unica palavra — nem mal nem bem — a tal respeito. Foi «*Les Temps Nouveaux*», folha de Jean Grave.

— *Huf! Quel tipe! Quel sale tête! La Charogne passou!*

*

Ai! Os homens!... Pobre Libertad!

Paris, dezembro de 1908.

G. R.

Se a ninguem faltasse o necessario, embora alguns tivessem o superfluo; se a sociedade não fosse uma sobreposição de camadas, como os estratos geologicos, os de cima pesando inezoravelmente sobre os que lhes ficam por baixo; se houvesse conforto em todos os lares, se houvesse luz em todos os cerebros, se a terra fosse um patrimonio comum, haveria com certeza menos crimes, se o crime não fosse apenas uma entidade da razão, como diria um filosofo espiritualista.

Brito Camacho

(A Luta, de Lisboa — 12-11-1908).